

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LEPRA NA PROVINCIA DO MARANHÃO

Pelo Dr. Nina Rodrigues

E' grande o interesse que no mundo scientifico tem despertado o estudo da lepra n'estes ultimos annos.

O empenho com que a sciencia busca attingir a solução do problema da curabilidade ou prophylaxia da lepra, por meio de um estudo proseguido ao mesmo tempo com ardor e enthusiasmo das questões attinentes a esse fim, taes como das causas da sua manifestação pela pathogenia e etiologia, dos meios de propagação pela herança e pelo contagio, dos effeitos curativos ou preventivos da therapeutica clinica, ou hygienica, dá exacta e completa ideia da importancia real do assumpto.

Felizmente, ao em vez do que tem succedido com outras questões, essa actividade exterior vae encontrando echo entre nós.

Os estudos sobre a lepra no Brazil proseguidos, ha alguns annos, com tenacidade pelo Sr. Dr. José Lourenço, já em 1882 nós derão um bom livro: « A morfêa no Brazil, especialmente na provincia de S. Paulo », e o valor reconhecido do seu auctor auctorisa-nos a esperar d'elle novos trabalhos de igual merecimento.

Os profissionaes da Bahia, do Rio de Janeiro, de S. Paulo, particularmente os Srs. professor Pacifico Pereira, Drs. Silva Lima, Julio de Moura e Lutz tem procurado, cada um de per si, trazer ao esclarecimento da questão o valioso contingente dos seus trabalhos.

Apezar de tudo isso, porem, persistem grandes lacunas no conhecimento que temos da lepra no nosso paiz.

Desde a sua geographia real até as particularidades de evolução e manifestações clinicas, o conhecimento que temos da lepra no Brazil é, de facto, fragmentario.

A tentativa do Sr. Dr. José Lourenço em 1882, para estabelecer a geographia approximada da lepra no Imperio, deixou fóra

de duvida a impossibilidade de um estudo de conjuncto das questões concernentes a esta molestia.

D'ella nos deve ter ficado a convicção de que, attenta a extensão do territorio e as difficuldades de estudo nos centros quasi despovoados das nossas provincias, o conhecimento completo da lepra no Brazil está destinado a se formar por meio das contribuições parciaes que forem prestando aquelles a quem as circumstancias e a dedicação á sciencia collocarem em condições de poder fazel-o.

Foi desta ordem de considerações que originou-se um pequeno folheto intitulado «Morphéa em Anajatuba. (Maranhão)», que fizemos publicar em 1886 na Bahia e em que buscavamos dar uma noticia sobre a endemia leprosa que reina n'esta localidade e á qual até então não se havia feito a menor referencia.

E' ainda partindo das mesmas considerações que possuindo um conhecimento mais extenso, intentamos dar hoje uma noticia de moldes mais amplos sobre a existencia da lepra na provincia; noticia que entretanto não pode ser tomada senão como uma contribuição para o estudo completo e definitivo que, estamos certos, terá de retocal-a em mais de um ponto.

E', de facto, muito insufficiente o que até aqui sabiamos da lepra na provincia do Maranhão.

Além do nosso folheto, de um alcance todo restricto, nenhum outro trabalho conhecemos sobre a lepra, em que a molestia tenha ahí sido estudada debaixo de um ponto de vista clinico.

Sob o ponto de vista administrativo, aquillo que, mais em resalva do temor do contagio de que em proveito do conhecimento da molestia, tem se apparentado fazer, consta de relatorios e outros documentos officiaes que opportunamente serão apreciados e julgados no correr d'este trabalho. Pois, consubstanciando-se inteiramente a historia administrativa da lepra n'esta provincia na historia do hospital de lazarus que possuímos, de mais acerto e logica nos pareceu reservar o estudo para quando d'este nos occupassemos.

As respostas de alguns clinicos da cidade de S. Luiz, do Ma-

ranhão, ás questões formuladas pelo Sr. Dr. José Lourenço, quando colligia os dados para o seu trabalho, não forão de ordem a projectar grande luz sobre o que do assumpto se affirmava vagamente. E apreciando-as, o Sr. Dr. Jose Lourenço resumia nestes termos o que então se sabia da lepra n'uma provincia onde se affirma ser elia endemica.

« Em presença destas opiniões, diz elle, e attenta a sua concordancia parece fóra de duvida que a morféa é frequente em algumas localidades do Maranhão.

« Qual será, porem, o gráo de frequencia ?

Será crescido o numero de leprosos ? Não será possivel circumscrever a molestia visto mostrar tendencia a domiciliar-se na provincia ? »

Em taes circumstancias, um trabalho, embora incompleto como este que tentamos, em que se forneça em factos elementos para a historia da distribuição geographica, das condições etiologicas geraes ou locaes e das formas clinicas da lepra n'esta provincia, não é por certo um trabalho destituído de toda importancia, ou interesse.

E no desenvolvimento que lhe vamos dar será esse o plano que teremos por objectivo.

I. *Historico*.—Não dispomos nem podemos encontrar documentos que permittam estabelecer o tempo de que data a existencia da lepra n'esta provincia.

Mas dada, como está provada, a immuniidade da raça indigena a contrahir a lepra e a ausencia d'esta molestia no Brazil ao tempo do seu descobrimento, a lepra deve ter invadido esta provincia, como o Imperio, com os seus colonisadores.

A duas fontes devemos attribuil-a: aos colonos portuguezes entre os quaes ainda hoje a lepra é tão frequente, como já nos havia feito notar o Sr. Dr. José Lourenço e tivemos occasião de observar no Rio de Janeiro e aqui mesmo em menor escala; e aos africanos cujo elemento ethnico na população brasileira é tão importante e que, na phrase do professor Leloir, são uma raça infectada de lepra.

Nem contradiz esta supposição o facto de remontarem apenas a uma data posterior á da independencia do Imperio, as referencias officiaes mais antigas que temos á vista sobre a lepra n'esta provincia.

Porquanto não é para desconhecer que espiritos exclusivamente preocupados em retirar de uma região a explorar os thesouros que n'ella phantasiavam, sem outro laço qualquer de vida social, não se tivessem apercebido do mal em seu começo. E só mais tarde quando a existencia de uma sociedade melhor constituida permittiu regularem-se as questões de utilidade collectiva, se tivesse attentado n'uma molestia que introduzida de origem com os colonisadores, tinha tido com a colonia um desenvolvimento paralelo.

Reservada como deixamos para outro ponto a historia administrativa que dissemos comprehender apenas a do hospital de lazarus, o historico da lepra na provincia do Maranhão não projecta, pois, grande luz sobre o estudo scientifico da molestia.

II. *Distribuição geographica.*—Os dados de que dispomos não permitem ainda estabelecer rigorosamente as leis, segundo as quaes se tem feito a distribuição geographica da lepra na provincia do Maranhão.

Não ambicionamos por conseguinte para a que vamos tentar o caracter de palavra ultima e definitiva no assumpto.

As informações ministradas ao Sr. Dr. José Lourenço em 1881 pelos clinicos de S. Luiz estão contidas no seguinte trecho da sua obra :

«...dizem os Drs. Francisco Joaquim Ferreira Nina e Affonso Saulnier de Pierrelevée que « a morphéa é endemica na provincia e que o maior numero de casos se observa no Mearim e Vianna affectando de preferéncia os pretos ».

O Dr. Santos Jacintho declara que « em quasi todos os pontos da provincia apparecem individuos affectados d'essa molestia ; porém é maior o numero d'elles em alguns logares humidos ou pantanosos em que predomina a alimentação de peixe e de

carne de porco, por exemplo as margens do Pindaré, do Mearim e do Itapicurú ».

O Dr. Manoel Bernardino da Costa Rodrigues expendeu o seu juízo nos seguintes termos : « Logares ha em que é crescido o numero de individuos atacados da morphéa, pois temos noticia que no Rozario, Vianna e Mearim encontram-se com frequencia nas ruas individuos morpheticos, o que está de perfeito accordo com as informações fornecidas pelos doentes do hospital dos Lazaros d'esta provincia, onde a maior parte é representada por individuos d'estas localidades. Dos 33 enfermos existentes nas enfermarias, cinco são da villa do Rozario, quatro da cidade de Vianna e seis do Mearim. Demonstram-nos os factos que é nas cidades collocadas nas margens dos rios, cabeceiras de igarapés, nos logares pantanosos, especialmente nas pessoas cuja vida é cercada de privações e miserias, que o mal soe de preferencia apresentar-se ».

A opinião dos Srs. Drs. Ferreira Nina e Affonso Saulnier dá incontestavelmente uma idéa exagerada da frequencia da lepra na provincia do Maranhão.

A lepra não é endemica em toda a provincia senão apenas n'uma parte d'ella.

Informações dignas de fé, que já, ha algum tempo, estamos colligindo, são accordes em affirmar que estão indemnes de lepra as comarcas do alto sertão, nas quaes fallecem-lhe de todo as condições de endemia, limitando-se um outro caso que, originario das zonas leprosas, para lá se transporte, ao individuo affectado.

D'este ultimo facto temos nos limites do nosso conhecimento pessoal uma observação importante na comarca de Itapicurú-mirim a que pertence o termo infectado de Anajatuba. Em dous vastos termos d'esta comarca, Vargem-Grande e Chapadinha, que participam das condições climatericas do alto sertão, os casos de lepra procedentes das localidades infectadas não tem se communicado a outros individuos. Do mesmo facto temos

ainda conhecimento pessoal para uma parte da comarca do Brejo.

Mais de accôrdo com os factos está a opinião dos Srs. Drs. Santos Jacintho e Costa Rodrigues.

A lepra na provincia do Maranhão manifesta-se de preferencia nas margens de alguns rios e nos logares pantanosos.

Com effeito, os principaes rios da provincia, aquelles que lhe são proprios e principalmente o Pindaré, o Grajahu, o Mearim, o Itapicurú e o Monim, nascendo em pontos affastados, convergem entretanto para as suas embocaduras, de tal sorte que bem se póde comparar a região banhada por elles, na ultima parte dos seus cursos, com o vasto delta das gigantescas torrentes americanas.

N'esta região está a zona geographica em que a lepra reina endemicamente na provincia. D'ahi tem sido a lepra conduzida em *amont* dos rios que a banham com o commercio humano de que são elles na provincia o principal vehiculo, n'uma extensão mais ou menos consideravel dos seus cursos.

Foi a esta zona que applicamos a denominação de principal zona morphetica, ou mais correctamente zona leprosa da provincia. E cremos ter sido nós quem primeiro buscou caracterisal-a pondo para isso em contribuição a configuração do territorio, a constituição dos terrenos, as condições climáticas, o elemento bromatologico, etc., etc., que sob o ponto de vista hygienico estabelecem aproximações geographicas nem sempre respeitadas pelas divisões regionaes creadas pelas necessidades administrativas.

Descançando mais sobre a região banhada pelos rios Pindaré, Grajahu e Mearim, comprehende a zona leprosa, em continuidade geographica, parte da comarca do Rosario, o termo de Anajatuba, as comarcas de S. Bento, Vianna, Baixo-Mearim e o termo de S. Luiz Gonzaga, ou Alto-Mearim.

Parte desta zona tem por caracter particular a existencia de vastos campos de crear e nella os principaes focos leprosos estão no Rosario, Anajatuba e Vianna. A outra parte é princi-

palmente constituida por matas e o seu fóco principal é o termo de S. Luiz Gonzaga.

Da primeira daremos como typo de descripção um resumo do que escrevemos em 1886 do municipio de Anajatuba.

O territorio de Anajatuba, escreviamos nós, parece em grande parte uma conquista ao leito do braço de mar em que se lançam os rios Pindaré e Mearim.

Caracterisa-o a existencia de vastas planicies e immensas baixas quasi sem orographia.

Não se encontram nelle nem regatos nem fontes naturaes e a agua de que se serve a população, extrahida de fundos poços, é em geral de má qualidade.

Entretanto passa este territorio mais de metade do anno inteiramente submerso n'agua. Porquanto a facil estagnação das aguas pluviaes devida a fraca permeabilidade de seu solo alaga totalmente os vastos campos de crear do termo.

Na estação invernosa não constituem elles mais do que interminaveis charcos a se estenderem por leguas, apenas revestidas de um tecido por vezes impraticavel de junco e algodoeiro bravo.

O gado busca então os logares mais altos (*tesos*) e as baixas só são praticaveis á navegação em pequenas embarcações.

As matas não se colrem d'agua, mas o terreno muito amollecido presta-se a formação de grandes lamaçaes, somente collectando-se as aguas pluviaes por pouco tempo nos pontos mais baixos porque então derivam ellas com facilidade para os campos.

Com o verão, que começa depois de Julho, as aguas baixam gradualmente e no rigor da estação mal se encontra a agua nos lagos e levadas artificiaes.

O clima de Anajatuba é frio e sobretudo humido no inverno, no verão é secco e fresco em alguns mezes, calmo em outros. A atmospherá vicia-se consideravelmente pela decomposição

que com o abaixamento das aguas soffrem as plantas que nellas viviam.

E' feracissimo o seu solo e cria-se em abundancia o gado vaccum.

Mas o que é especial ao termo e lhe dá feição particular é a grande abundancia de peixe nos campos e lagos.

Emydianos diversos ahi se encontram e aves aquaticas, patos, marrecas, garças, jassanans, etc., buscam este termo em grandes colonias na estação invernosa. Mas é nos lagos, nos campos e nos poções que a população vai tirar a base da sua alimentação no peixe que em abundancia extraordinaria nelles encontra.

Não são numerosas, porém, as especies de peixe desta localidade, e em ordem de abundancia podemos dispol-as assim: Em primeiro logar a trahira (*erythrinus trahira*, Mart.), depois a especie ali chamada jejú (*erythrinus taeniatus*), o camboatá (denominação generica de diversas especies do genero *loricario*), a curimatá (*curimate fasciatus*) e outra especie do mesmo genero, suppomos nós, ali denominada pirapema, etc., etc.

E' a pesca a occupação principal da população. Praticada quando o permittem as circumstancias de tempo e logar e pelos poucos que as possuem, com as grandes rédes de pesca, é esta effectuada sobretudo nos campos á tarrafa, ou á mão e *cófo* quando o decrescimento das aguas deixa o peixe nos lamaçaes. Homens, mulheres e crianças passam assim dentro d'agua grande parte do dia quando não é da noite durante todo o tempo que vai de meados de Maio a fins de Dezembro, porque sem curar de provisões, não exploradas para exportação, são os campos um viveiro seguro onde se vai buscar o sustento do dia com um pequeno excedente para permuta nos povoados com a farinha, o sal e a aguardente.

Em relação a alimentação, os habitantes de Anajatuba são verdadeiros ichthyophagos. O peixe e a farinha de mandioca constituem os elementos basicos da alimentação, quer para a

maior parte da população que o pesca, quer para o resto que o compra. Centro criador é, de facto, insignificante o numero de rezes abatidas para o consumo da localidade. Ha tambem em Anajatuba criação de porcos, mas não é superior á da carne de vacca a proporção, porque a carne de porco entra na alimentação do municipio. A mesma observação podemos fazer em relação ao producto da caça.

Em relação ás habitações, procuraram os habitantes para evitar a humidade adaptar as construcções ás condições particulares do termo e foram resuscitar de alguma forma os palacetes, edificando casas sobradadas sobre columnas de madeira, verdadeiros jurões de grande solidez. Infelizmente, porém, nem todos podem gozar os beneficios desta edificação mais dispendiosa, nem os poucos que as possuem podem aproveitá-las, consentindo que por baixo abriguem-se animaes domesticos com grave infracção das regras hygienicas. Terreas e pela maior parte cobertas de palha, pode-se dizer que, em regra geral, na estação invernosa as casas deixam os moradores expostos a todos os rigores da humidade.

(*Continúa*).

HELMINTHOLOGIA —

ANKYLOSTOMA DUODENAL E ANKYLOSTOMIASE

Pelo Dr. ADOLPHO LUTZ (1)

I PARTE.—ANKILOSTOMA DUODENAL

(Continuação da pag. 65)

Sem tomar em consideração os mil acasos pelos quaes uma ou outra larva póde passar ao estomago do homem, devemos distinguir duas condições pelas quaes póde haver uma introdução repetida e frequente.

No primeiro caso ha uma accumulção de materias fecaes contendo os ovos, e o desenvolvimento das larvas se faz no mesmo logar. Para isso é preciso um terreno humido, plano ou

(1) Vid. os ns. 12 do vol. 5°, e 2 do vol. 6°, 3ª serie.